



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Editoração, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talheta-Lisboa • Telefone 5339 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Conferência Inter-Sindical do Porto

Decorreram imponentes as sessões, tomando-se resoluções de grande importância:

PORTO, 31. — C. — Como vinha há dias sendo anunculado, teve ontem início a efectivação da Conferência inter-sindical de iniciativa da U. S. O. Como telefonou, essa conferência revestiu uma imponência inesperada, tanto pela afluência de militantes e representantes, como pela paixão que a discussão teve a animá-la.

A 10 horas da manhã, hora marcada para o começo dos trabalhos, já o salão da Casa do Povo Portuense se encontrava repleto, bem como corredores contíguos, conversando-se animadamente sobre a necessidade imprensa da organização operária adquirir um outro impulso que a tire da inação em que estava envolvida ultimamente. Surgiam planos e discussões alvitres, quando, perto das onze horas, foi reclamado silêncio para se abrir a sessão.

Explícam-se os motivos da realização da Conferência

Serafim dos Anjos, em consequência de ainda não estar presente o secretário geral da U. S. O., que tem estado doente, e a quem compete explicar as razões da convocação da conferência inter-sindical, principia por fazer uma ligeira história da U. S. O. nos derradeiros tempos. A sua vida arrastava-se penosamente, artificialmente, parecendo mais um corpo moribundo a entrar em decomposição, do que um organismo operário activo que traduzisse o sentir das camadas sindicais e o seu interesse pelas questões transcentais que, no actual período histórico, perturbam a existência das populações. Uma das causas principais que neutralizava a ação que a U. S. O. devia tomar, presidia à ausência dos delegados às sessões federais e, por consequência, da falta de gente que quisesse trabalhar na organização. Tamanho desprazo a que era lançada a U. S. O., que só seri aquilo que os seus organismos aderentes queriam que ela seja, não podia, nem devia, subsistir, por significar um desleixo criminoso a denotar uma franca cumplicidade com os verdadeiros caudadores do mal-estar social, contemporâneo. Os que estavam à frente da U. S. O. tentaram vários esforços para que melhorasse tal estado de coisas. Apelaram, pelos jornais, por convites especiais, para que os delegados dos sindicatos fossem assíduos e cuidadosos. Solicitaram, quase mordigamente, toda a sua coadjuvação afim de estabelecer o equilíbrio imprescindível ao bom funcionamento da U. S. O. Afinal, os rogos perdiam-se no deserto da indiferença e os apelos não eram correspondidos nem pelas direções — com exceções raras — que continuavam brilhando pela sua ausência. Não obedeciam, nem a convites colectivos, nem a convites especializados. Em face disto e de tanto desperdício de esforços, é que se pensou a sério na convocação dumha conferência inter-sindical, onde eloquientemente se expunsesse o estado da organização operária local e se derimsem responsabilidades. Para a conferência ter uma maior amplitude e os seus resultados mais preciosos se tornarem, cunhavam-se, não só os corpos directivos ou administrativos dos sindicatos, mas também vários militantes das diferentes classes que, directa ou indirectamente, pesam na conduta e orientação do movimento operário.

Explícadas, a largos traços, as razões que determinaram a conferência convocada pela U. S. O., Serafim dos Anjos espera que, desta feita, não será em vão que se trabalhará na conjugação de energias e competências — convidando o camarada Serafim Lucena a assumir a presidência. Este declina o convite no secretário geral da C. G. T., mas como M. J. Sousa tem de tomar parte nos trabalhos, regeita, assumindo a presidência, por fim, o primeiro camarada, que teve a secretaria Serafim dos Anjos e António Rodrigues dos Santos.

O discurso do presidente
O camarada presidente fez então, antes de dar começo ao trabalhos, um vibrante discurso, que animou a assembleia. A conferência inter-sindical reuniu-se na U. S. O., tanto mais que para a C. G. T. pôr em prática todas as resoluções de Coimbra, é preciso que os organismos aderentes lhe dêem a força indispensável. Esclarece depois sobre a cota, a qual será aumentada quanto maiores forem as necessidades impostas pelo desenvolvimento da organização operária, sem a qual não será possível uma revolução segura e profícua. A organização, para ser forte, não carece do sacrifício moral, é mister também o sacrifício material.

Na noite de 30 de Janeiro, o presidente e Dias Ribeiro, da comissão administrativa da U. S. O., que também alude ao cão em que este organismo se tem encontrado, a despeito dos esforços empregados, para que a sua existência não seja fictícia, mas real. E, entre outras considerações, afirma: «Pois se até há elementos de responsabilidade no movimento operário que se tem oposto a que as suas classes encontrem no verdadeiro caminho sindical (Apoiados e exclamadas). Ha uma associação, por exemplo, que pelo facto de possuir umas obrigações ou ações de A Batalha, declara já estar confederada, quando nem sequer pertence ao sindicato único da sua indústria;

Na meia-ordem de ideias falam o presidente e Dias Ribeiro, da comissão administrativa da U. S. O., que também alude ao cão em que este organismo se tem encontrado, a despeito dos esforços empregados, para que a sua existência não seja fictícia, mas real. E, entre outras considerações, afirma: «Pois se até há elementos de responsabilidade no movimento operário que se tem oposto a que as suas classes encontrem no verdadeiro caminho sindical (Apoiados e exclamadas). Ha uma associação, por exemplo, que pelo facto de possuir umas obrigações ou ações de A Batalha, declara já estar confederada, quando nem sequer pertence ao sindicato único da sua indústria;

Na ordem vegetal como na ordem animal, tudo obedece a uma organização. O mesmo sucede com os Estados, com os exércitos. Ora a felicidade não vem com promessas parlamentares, vem com a conquista, do esforço da humanidade [sórdida], que deve organizar-se, dando vida ao sindicato, para este o empresáriar às federações e uniões locais que, por seu turno, a imprimirem à Confederação. As bandeiras ideológicas não se devem abater, mas desfilar-las ao vento, num esforço intenso, a impulsionar as multidões, devendo elas escolher a que nenhuma lhes satisfaga as aspirações, porque a revolução não é

(Risos). O orador refere-se à Associação dos Pedreiros
Em quanto a organização patronal se vai desenvolvendo, é triste que estejam ainda a tratar destas anomalias sindicais. Entende, portanto, que devemos cuidar a sério da organização.

Nesta altura, como o secretário geral da U. S. O. já tivesse chegado, apesar de doente, é lido, por ele próprio, um parecer da C. A., procedido de um relatório da vida da U. S. O. que foi comentado, durante a leitura, pelo mesmo autor. Como este documento é extenso, fica para depois de publicados os extratos das sessões, por ser de necessidade conhecê-lo.

CARTA DE BARCELONA

Mais operários assassinados

Uma greve geral de protesto — O operariado espanhol confia no apoio dos camaradas dos outros países

BARCELONA, 26.

Na nossa carta anterior dávamos conta do assassinato, pela força pública, de sete companheiros. Para patentejar o protesto do proletariado barcelonês ante estes factos iníquos, na segunda-feira, 23, declarou-se uma greve geral de 24 horas. Bastou, para organizar-lá, a publicação dum manifesto, redigido em tono energético, em cujo cabeçalho se lia: *Assassinos, assassinos, assassinos!*

Apesar da terrível perseguição de que somos vítimas, apesar dos militares

não poderem sair à rua sem expor as suas vidas, apesar de tudo, a intensa maioria dos trabalhadores barceloneses secundou a greve com entusiasmo e disciplina. Pode assassinar-se um determinado número de companheiros, mas destruir o espírito que anima o nosso proletariado isso não conseguirá nunca a burguesia nem os generais que, não sendo ganhar batalhas a um inimigo preparado, querem exterminar uma classe indefesa.

Apesar do protesto exteriorizado pela classe operária, continua reinando o terror branco. Todas as palavras são

pálidas para expressar o grau de ferocidade a que se chegou. Se o mundo civilizado estivesse detidamente ao corrente do que se passa em Espanha, e particularmente em Barcelona, levantaria-se indignação num formidável grito de protesto e de horror.

Continua-se a prendendo trabalhadores a torto e a direito. Os cárceis são insuficientes para conter o grande número de camaradas presos. E na rua continua imperando o terror, em proporções inverosímeis. Nas últimas 36 horas da semana passada, a cifra de trabalhadores mortos violentamente chegou a 21.

Posteriormente outros companheiros caíram sob o fogo das pistolas dos bandos patronais e da polícia. Novamente se recorreu ao *true* de simular uma fuga para matar, em plena rua, os nossos companheiros.

Domingo Rivas e Ricardo Pide, de 20 e 18 anos, respectivamente, foram mortos pela polícia em Barcelona. A mesma trágica sorte estava reservada, em Valência, a Manuel Hernández e Francisco Salvador. Estamos convencidos de que prosseguirá a razia, pois, nesta terceira luta, o proletariado espanhol encontra-se só, sem o menor apoio da classe operária.

A nossa única esperança temo-la depositada em vós, os trabalhadores dos outros países. Temos a certeza absoluta de que o único meio de fazer entrar as autoridades na razão, está nas vossas mãos.

Intensificai o boicote contra os produtos espanhóis, multipliquei os actos públicos de solidariedade para connosco e de protesto contra a política sanguinária do governo espanhol.

Ajudai-nos, irmãos!

J. D.

Os interessantes patrões

Realizou-se há pouco o Congresso Patronal, no qual se ventilaram vários assuntos. Um dos que despertou mais atenção foi o da organização das arsenais por bairros, para a defesa da actual sociedade, e da propriedade privada.

Cabe-me perguntar aos organizadores do trabalho, como que gente contam eles para, na ocasião precisa, dar o corpo ao manifesto? Contam talvez com os empregados, que são constantemente roubados por eles. Robados pelos menos duas vezes: primeira, na retribuição do trabalho; segunda, nos artigos que consumimos, nos quais ganham 100% e mais.

Se é connosco que contam, iludem-se, porque os patrões, que temem desafiar os contos para comprar armas e munições, não tiveram o bom senso de melhorar a nossa situação afitiva. Sermos, portanto, nós os primeiros que, com as armas que eles nos deram, as empregaremos em defesa da nossa existência e dos entes que nos são queridos.

E vós, camaradas do comércio, quando algum patrão tiver o desplante de vos tentar passar para a mão a arma com que eles pretendem que defendem o que roubam a nós próprios, rejeitai tal ofensa com energia, e apontai-lhe a razão da recusa. Se, porém, receberdes as armas, empregai-as na vossa própria defesa. Não vos acobardeis mais, porque cobardes já vos tendes mostrado, em demasia, e é devido à vossa indiferença que hoje lutamos com a fome.

M. P.
(Caixeteiro sindical)

(Risos). O orador refere-se à Associação dos Pedreiros

Em quanto a organização patronal se vai desenvolvendo, é triste que estejam ainda a tratar destas anomalias sindicais. Entende, portanto, que devemos cuidar a sério da organização.

Nesta altura, como o secretário geral da U. S. O. já tivesse chegado, apesar de doente, é lido, por ele próprio, um parecer da C. A., procedido de um relatório da vida da U. S. O. que foi comentado, durante a leitura, pelo mesmo autor. Como este documento é extenso, fica para depois de publicados os extratos das sessões, por ser de necessidade conhecê-lo.

MOCIDADE SINDICALISTA

O Congresso das Juventudes TRABALHADORES DOS JORNais

Na segunda e terceira sessões atacam-se assuntos interessantes

2.ª sessão

E' vivamente discutida a defesa moral do aprendizado

Anteontem, pelas 10 horas, iniciaram-se os trabalhos da 2.ª sessão do Congresso da Mocidade Sindicalista.

O presidente, delegado de Gaia, num

pequeno discurso, agradeceu ao Congresso

a distinção feita ao Núcleo de Gaia

indicando para presidir àquele importante reunião.

Por último a tese foi aprovada com as alterações que o Congresso lhe fez.

Depois de se ler a ata da sessão inaugural e de se nomear a mesa para a sessão seguinte, encerrou-se a 2.ª sessão pelas 13 horas, marcando-se a seguinte para as 15 em ponto.

Por último a tese foi aprovada com as alterações que o Congresso lhe fez.

Depois de se ler a ata da sessão inaugural e de se nomear a mesa para a sessão seguinte, encerrou-se a 2.ª sessão pelas 13 horas, marcando-se a seguinte para as 15 em ponto.

3.ª sessão

Definição de princípios ideológicos. — Meio de ação: sindicalismo revolucionário-ideal: anarquista.

Pelas 15 horas, depois de verificada a presença de 34 delegados, procedeu-se à leitura da tese de definição de princípios ideológicos.

Dessa tese recordamos, para o leitor melhor se guiar no assunto, os períodos que seguem:

Constituída na sua essência por jovens

cujo sangue generoso se oferece ao sacrifício pela causa redentora da Humanidade

que é a solidariedade entre os homens

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

que é a fraternidade

que é a liberdade

que é a igualdade

